

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O PAPEL TRANSFORMADOR DO PROFESSOR

Naiane Maria Lucas das Chagas ¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as correlações entre dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar e intervenções pedagógicas. Busca também evidenciar o papel do professor mediador no processo educacional como agente transformador no contexto educacional atual. A pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica. Baseia-se em autores como Rego (1995), Piletti (1991), Galvão (1995) e Zelan (1993) para compreender de que forma fatores cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos interferem no desempenho escolar das crianças. Parte-se do entendimento de que a aprendizagem é um processo complexo, no qual o sujeito é influenciado por diversos fatores que ultrapassam a capacidade intelectual e o simples acesso à instrução formal. Assim, o artigo apresenta as principais causas das dificuldades de aprendizagem, e os transtornos mais recorrentes, como TDAH e os Transtornos Específicos da Aprendizagem (discalculia, dislexia, disgrafia). Destaca-se, portanto, a importância de o professor observar atentamente seus alunos e adotar práticas que respeitem seus conhecimentos prévios e a zona de desenvolvimento proximal, conforme propõe Vygotsky. Conclui-se que o professor, ao assumir o papel de mediador, pode favorecer avanços reais no desenvolvimento dos alunos e no processo de aprendizagem, ajudando a romper barreiras e a promover uma educação mais inclusiva. O trabalho reforça a necessidade de articulação entre escola, família e equipe multiprofissional no enfrentamento diante do fracasso escolar.

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem; transtornos de aprendizagem; fracasso escolar, intervenção pedagógica; mediação docente; educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

De acordo com Vygotsky (1988), a aprendizagem é um processo essencialmente humano e social, que se constrói nas interações cotidianas e antecede o próprio desenvolvimento, integrando-se à constituição do sujeito. Contudo, essa aprendizagem espontânea emerge das experiências diárias e das relações com o meio social, diferenciando-se daquela aprendizagem sistematizada no espaço escolar e mediada intencionalmente pelo professor.

¹ Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Coordenação Pedagógica e Gestão Educacional (Faculdade Visconde de Cairu-BA). Pedagoga (Faculdade Visconde de Cairu-BA). Membro do Grupo de Pesquisa Formacce Infância, Linguagens e EJA (FORINJELA/ UNEB)). E-mail: psicopedagoganaiane@gmail.com.



Baseando-se em uma retrospectiva histórica sobre o processo educativo, percebe-se que por muito tempo prevaleceu a crença de que o aluno era o único responsável pelo seu fracasso escolar e acabavam sofrendo sanções e julgamentos sociais por isso.

Corroborando com esse pensamento, Lima e Souza (2020, p. 140) apresentam uma perspectiva de que “ao longo dos anos tem sido habitual concepções advindas do senso comum de que se o aluno não vai bem na escola, isso se deve às suas limitações pessoais e ele é visto como alguém que não gosta de estudar, não consegue aprender ou não se esforça”. Contudo, através das pesquisas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, construímos o conhecimento, reconhecendo que existem diversos fatores que podem dificultar e/ou influenciar o processo de aprendizagem desse sujeito.

Através desse ponto de partida, nasce a questão problema: como o professor pode auxiliar no desenvolvimento de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem? Para responder a essa pergunta, foram delimitados como objetivos a) compreender os processos de aprendizagem, b) conhecer as possíveis causas das dificuldades, distinguindo-as dos transtornos neurobiológicos e c) a importância das intervenções realizadas pelos professores que auxiliam os alunos nesse contexto.

Em nosso cenário atual ainda nos deparamos com o fracasso e a evasão de alunos que ao longo da sua caminhada escolar apresentam dificuldades de aprendizagem, por isso essa pesquisa se mostra relevante, pois buscamos compreender como a mediação docente pode auxiliar na transformação desse cenário.

E os estudos, apontam que a mediação pedagógica e a identificação dessas dificuldades através da observação e olhar atento dos professores, auxiliam de maneira significativa, nesse contexto.

METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa, com método crítico reflexivo e bibliográfico, na qual o pesquisador busca percepções e entendimentos através de análises feitas a partir de estudos e do desenvolvimento de ideias sobre a importância do professor mediador na criação de situações que estimulem as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. O estudo foi alicerçado por autores que discutem o processo de aprendizagem, os transtornos de aprendizagem, o papel mediador do professor e as concepções históricas sobre o fracasso escolar. Podemos apresentar alguns desses autores, como, Vygotsky (1988), Lima e Souza (2020), Rego (1995), Piletti (1991), Galvão (1995), Zelan (1993), Brites (2021) e Souza (2024).



REFERENCIAL TEÓRICO

No ambiente escolar encontramos diversas crianças que apresentam desafios no processo de aprendizagem ao longo da sua caminhada escolar. Porém, hoje compreendemos que devemos levar em consideração os fatores internos e externos que favorecem essas dificuldades, procurando entender o processo cognitivo, emocional, orgânico, familiar, social e pedagógico que norteiam esse sujeito. Existem diferentes definições sobre as dificuldades de aprendizagem, porém hoje a definição que reúne maior consenso internacionalmente sobre DA é o da *National Joint Committee of Learning Disabilities* – NJCLD (1988), apud Martinelli, que diz:

Dificuldades de aprendizagem é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas. Essas desordens são intrínsecas ao indivíduo e são devidas presumivelmente a uma disfunção do sistema nervoso central. Embora as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições de incapacidade (por exemplo, privação sensorial, deficiência mental, perturbação emocional ou social) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, ensino insuficiente/inadequado, fatores psicogenéticos), não são devidas a tais condições ou influências. (NATIONAL JOINT COMMITTEE OF LEARNING DISABILITIES, 1994, p. 65-66 apud MARTINELLI, 2001, p. 107-108).

Apesar dessa definição enfatizar causas internas e biológicas, autores como Nepomuceno e Bridi (2010) apontam que as Dificuldades de Aprendizagem podem estar relacionadas a diversos fatores como questões físicas, emocionais, familiares, sociais e aspectos escolares.

Brites (2021) deixa claro que as dificuldades de aprendizagem são geralmente transitórias e possuem causas multifatoriais. Já os transtornos de aprendizagem possuem origem neurológica e tendem a ser persistentes e afetar diversas áreas, exigindo intervenções mais específicas e especializadas. Nessa perspectiva, compreende-se que a origem dos transtornos ou distúrbios da aprendizagem têm origem em alterações no desenvolvimento cerebral. Segundo o Manual Merck Sharp & Dohme (MSD) os transtornos de aprendizagem,

causam discrepâncias entre o potencial e os níveis reais de desempenho acadêmico, assim como as previsões das habilidades intelectuais da pessoa. Os transtornos de aprendizagem envolvem deficiências ou dificuldades na concentração, atenção, linguagem ou processamento visual de informações.

É importante ressaltar que o aluno com um ou mais transtornos da aprendizagem, apresenta desafios em sua caminhada escolar. Contudo, nem todo aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem possui, necessariamente, um transtorno/distúrbio. Por isso, cabe ao professor observar as crianças e identificar aquelas que apresentam possíveis



atrasos no processo de aprendizagem a fim de compartilhar as informações com as famílias, para que juntos, possam buscar auxílio necessário com o objetivo de contribuir de forma positiva no processo de aprendizagem desse sujeito.

Visto que, muitos desses alunos podem apresentar baixa autoestima e questões comportamentais, atrelados ao sentimento de frustração ou de não pertencimento nos momentos em que não consegue realizar uma atividade ou quando tem a percepção de que não consegue acompanhar a turma. Ratificando essa ideia, os estudos bibliográficos de Mazer, Dal Bello e Bazon (2009) trazem a concepção de que o rendimento escolar abaixo do esperado gera não apenas sentimentos como baixa autoestima, mas também mexe na capacidade de produção do sujeito, além de interferir na relação e aceitação pelos pares etários.

É importante reafirmar que cabe ao professor e a equipe pedagógica avaliar dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem. No entanto, vale ressaltar que os diagnósticos dos transtornos devem ser realizados através de avaliações feitas por uma equipe especializada, junto à avaliação médica. Contudo, ratificamos sobre a importância de identificar dificuldades e/ou transtornos no processo de aprendizagem durante a fase escolar para que possam iniciar as intervenções corretas e auxiliar no desenvolvimento global do sujeito.

Nesse cenário, é importante que a equipe pedagógica, especialmente o professor, compreenda que existem diversos fatores que podem ocasionar o desempenho no processo de aprendizagem, e que podem ser de causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, cognitivas, educacionais e socioeconômicas (FREITAS; FREITAS, 2025). As causas físicas são representadas por perturbações somáticas, transitórias ou permanentes, como por exemplo: febre, dores de cabeça, de ouvido, anemia e asma, que interfiram na saúde da criança e consequentemente no seu desenvolvimento físico e cognitivo. Assim, podemos citar como exemplo, os estudos de Gonçalves, Cordeiro e Silva (2018) que apontam que a anemia falciforme afeta o desempenho e a aprendizagem de crianças em período escolar.

Também podemos citar as causas sensoriais que podem afetar o processo de aprendizagem. Elas podem ser provocadas por transtornos que atingem os órgãos dos sentidos, como a visão, audição, tato, gustação, olfato e equilíbrio ou as conexões neurológicas responsáveis por processar as informações, interferindo na capacidade do sujeito de captar e interpretar os estímulos externos, implicando assim, na sua compreensão do mundo e sua aprendizagem. Reforçando essa concepção, Matos (2019)



traz em seus estudos que, as alterações sensoriais comprometem a capacidade do sujeito de interpretar estímulos do ambiente, dificultando a construção de significados e aprendizagem escolar.

As causas neurológicas são perturbações que envolvem o sistema nervoso, o cérebro, o cerebelo, a medula e os nervos. Como o sistema nervoso comanda todas as ações físicas e mentais do ser humano quaisquer danos em uma destas áreas citadas acima podem contribuir para o surgimento de problemas na aprendizagem, a depender da área lesionada o problema poderá ser classificado como de maior ou menor grau (FREITAS; FREITAS, 2025).

Já as causas emocionais são distúrbios psicológicos, ligados ao emocional e aos sentimentos do sujeito. As cognitivas são aquelas que estão relacionadas com a capacidade de conhecer e compreender o mundo em que vive, de raciocinar e relacionar os seus conhecimentos e estabelecer conexões entre eles e o contexto no qual o mesmo está inserido (DA ROSA, 2025).

Podemos citar as causas educacionais que se dão a partir do tipo de educação que a pessoa recebe na infância, onde podem ser deixadas lacunas importantes na aquisição de habilidades e competências necessárias para dar continuidade a conteúdos mais complexos. E também é importante citar as causas sócio-econômicas, que não são exatamente transtornos, mas refletem de maneira negativa no processo de aprendizagem das crianças, como no caso das que vivem em situações precárias, que precisam trabalhar para ajudar nas despesas de casa e até as que vão para a escola sem se alimentar e por isso, perde totalmente a concentração nos estudos (ROMEO; UCHIDA; CHRISTODOULOU, 2022; HSU & BAI, 2022).

Segundo Brites (2021), os Transtornos Específicos da Aprendizagem englobam condições como a dislexia (distúrbio de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração), discalculia (tipo de transtorno que dificulta a compreensão de números e realização de cálculos matemáticos) disgrafia (que afeta a escrita e ortografia), além de manifestações relacionadas ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e que comumente podem auxiliar para a dificuldade no processo de ensino-aprendizagem. Brites (2021) ainda traz que “o transtorno costuma ser identificado quando as crianças já frequentam a escola e apresentam inquietação em sala de aula, que leva a dificuldades na aprendizagem. ”

Nesse contexto, também podemos citar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do neurodesenvolvimento que afeta as áreas de socialização, comunicação/



linguagem como uma das causas que podem gerar desafios e dificuldades no processo de aprendizagem, já que crianças com TEA podem apresentar desatenção, inquietude, dificuldades nas relações sociais e de engajamento nas atividades escolares. (DIAS et al., 2021; BRASIL, 2022).

A importância do professor mediador e os estímulos que o mesmo oferece no processo de desenvolvimento da criança

Segundo as Diretrizes de avaliação do processo de ensino aprendizagem da Secretaria de Educação da Bahia (BAHIA, 1988), a escola tem o papel de oportunizar diferentes estratégias para que os alunos adquiram competências e habilidades, objetivando o enfrentamento de desafios e busca de soluções. Por isso é necessário que o educador compreenda a necessidade de pesquisar alternativas pedagógicas (baseando-se ou não nas suas experiências pessoais, escolar e profissional) que estimulem este sujeito a construir o seu conhecimento, respeitando a sua individualidade e o seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Rego (1995),

Para que ele possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços, reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, as suas descobertas, hipóteses, informações, crenças opiniões, enfim, suas 'teorias' acerca do mundo circundante. Este deve ser considerado o 'ponto de partida'. (Rego, 1995, p.116)

Um dos primeiros passos é tentar identificar através da observação as possíveis causas que estão interferindo no processo de aprendizagem. Os mais encontrados nas dificuldades de aprendizagem são: problemas de atenção, de percepção, emocionais, de memória, cognitivos, psicolinguísticos e psicomotores.

A partir dessa identificação podemos organizar e propor situações para a vida escolar deste sujeito, permitindo estímulos que o façam progredir, “para o professor, é o próprio desempenho da criança o ponto de partida para o início de uma intervenção no sentido de viabilizar a aprendizagem” (COUTINHO, 1992, p. 197) e estas intervenções devem ser feitas respeitando o conhecimento prévio deste sujeito e o seu potencial cognitivo. “Perceber o potencial cognitivo em crianças que apresentam problemas para aprender, é um passo na direção certa (...) Para que a criança aprenda, ela deve sentir que suas forças são genuínas ” (ZELAN, 1993, p.17).

É necessário que o educador saiba o aluno que tem e como ele aprende para que assim, possa buscar alternativas que motivem e facilitem o seu processo de aprendizagem. Nesta perspectiva Piletti (1991) destaca que:



Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender um certo assunto, em resolver um dado problema, etc. (Piletti, 1991, p. 64)

Com base nessa citação é necessário refletir sobre a importância do papel mediador do professor, sendo ponte para a interação das crianças com os objetos de conhecimento. Assim, pensando em diferentes estratégias e propondo situações educativas que contribuam no processo de ensino- aprendizagem do educando, objetivando a superação das possíveis dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Souza (2024), e suas pesquisas sobre TEA, Inclusão e Contação de Histórias, estudar o processo de aprendizagem não é uma tarefa fácil. Contudo,

É necessário enxergar essas crianças e fazer com que elas sejam parte de tudo que é desenvolvido nas escolas, pois elas existem, e precisam existir para que a escola como um espaço pedagógico seja reconfigurado em um ambiente múltiplo e realmente inclusivo (Souza, 2024, p. 74)

As dificuldades existentes no processo de aprendizagem só podem ser compreendidas a partir de estudos que levem em conta os diversos fatores que interferem neste processo, já que não envolve apenas o sujeito aprendente, mas também aquele que ensina, o meio social em que ele vive, as interações feitas por este sujeito e o desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, o educador deve ter sensibilidade para identificar e reconhecer alunos que possuem dificuldades de aprendizagem e pensar nas melhores formas de estimulá-lo para que ele não se sinta excluído neste processo.

Afinal, o educador é um multiplicador de conhecimento e por isso deve ter um olhar de pesquisador, buscando respostas e métodos que estimulem esse aluno, para que o mesmo possa conquistar habilidades, competências e aquisição dos diferentes objetos de conhecimento apresentados.

Para que possamos avançar com tal reflexão, devemos quebrar este paradigma e nos conscientizar da importância de ser professor mediador compreendendo que “o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual” (Rego, 1995, p.115).

Os professores devem estar atentos às dificuldades que as crianças apresentam no seu processo de desenvolvimento, mas jamais fazer diagnósticos, como aponta Oliveira,

Frente a muitos comportamentos tidos como “inadequados” de seus alunos os professores estão realizando diagnósticos, “esclarecendo” aos pais o porquê de seus filhos não aprenderem e estão encaminhando para diversos profissionais. Com alguma frequência, os professores podem estar “interpretando” as dificuldades escolares dos alunos com uma consequência de um distúrbio



orgânico, e em decorrência os encaminham para médicos, neurologistas e hospitais para que sejam diagnosticadas as causas do não aprender. Com isto não só a escola se isenta de responsabilidades, como acaba rotulando as crianças como possuidoras de um entrave em seu aprender. Os pais, por seu lado, iniciam um longo desfile entre os profissionais no sentido de “curar” seus filhos. (OLIVEIRA, 2004, p. 80)

Analisando as contribuições de Oliveira, entendemos que existem dificuldades que podem ser resolvidas na sala de aula sem precisar de encaminhamentos a serviços médicos ou psicológicos. Encaminhar para estes serviços sem nem ao menos tentar apresentar diferentes atividades para estas crianças, é o mesmo que retroceder, pois desta forma, tira-se a culpa dos métodos e práticas pedagógicas aplicadas e transfere toda a culpa do fracasso escolar para as crianças, assim como já apontavam Lima e Souza (2020).

Diante disso, pontuamos que utilizar a ludicidade para estimular a aprendizagem é muito importante, pois a criança constrói o seu conhecimento de maneira prazerosa,

O brincar desenvolve a imaginação, estimula a atividade motora, faz criar cumplicidade entre aqueles que jogam e dançam juntos (socialização) independentemente de seus graus de habilidades/capacidades e das necessidades educacionais especiais. O brincar é vital para o desenvolvimento do potencial de todas as crianças. As vivências lúdicas trabalham ao mesmo tempo a motricidade, a atenção, a memória, o raciocínio, a criatividade, a aprendizagem, a ansiedade, a organização espacial, a coordenação motora, o esquema corporal etc. (MEC- Saberes e práticas da inclusão, 2006, p.38)

Se o professor conhecer o nível de desenvolvimento do seu aluno e perceber os conhecimentos que já estão na zona de desenvolvimento proximal, respeitando a sua individualidade e planejando atividades que estimulem de forma significativa as suas potencialidades, sua autoestima e a sua autonomia, este processo que poderia ser considerado como algo sofrido, passaria a ser um momento prazeroso e que de fato contribuiria para alcançar os objetivos que foram traçados.

Contudo, entendemos que não se deve apenas criar atividades para estas crianças se elas não forem processuais. É importante planejar um número de atividades e traçar objetivos a serem alcançados e fazer avaliações contínuas para analisar os avanços das mesmas, pois, caso as atividades planejadas não estejam atingindo os objetivos traçados devemos modificá-las quantas vezes forem necessárias.

Nessa perspectiva percebemos que as tecnologias são grandes aliadas neste processo, pois as crianças respondem bem ao estímulo das mídias como a televisão e o computador,

É fundamental que a instituição escolar integre a cultura tecnológica extracurricular a seu cotidiano, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de habilidades para utilização dos novos instrumentos de aprendizagem. [...] o



computador é uma ferramenta que possibilita o estabelecimento de novas relações para a construção do conhecimento e da comunicação. O computador permite criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender e, principalmente, de se comunicar. Para que os alunos não sejam receptores passivos é necessário contextualizar essas programações, levando em consideração as necessidades, interesses e condições de aprendizagem dos alunos. (MEC- Saberes e práticas da inclusão, 2006, p.39)

Trazendo mais uma estratégia, podemos indicar a Contaçon de História, que segundo Souza (2024), é uma importante ferramenta pedagógica para todas as crianças, especialmente crianças com TEA. De acordo com a autora:

A prática de contar história se revela como algo que transcende o indivíduo, apresenta uma sensibilidade que é captada tanto para quem ouve como para quem conta. São encontros em que os indivíduos podem realizar trocas e produzir subjetividades, contribuindo para sua formação e seu modo de viver (Souza, 2024, p.21).

Nesse contexto, os educadores devem utilizar essa ferramenta pedagógica como aliada em suas práticas, mas é preciso ter clareza, segurança, confiança, criatividade e conhecer muito bem a história. Além de conhecer o grupo ao qual as histórias serão contadas para que, de fato, esse processo se torne efetivo (SOUZA; OLIVEIRA, 2023).

Além disso, entendemos que neste processo, são importantes a parceria entre a escola e a família e a aproximação na relação entre professor- aluno. No caso de comprovação de transtornos do neurodesenvolvimento, como no caso dos distúrbios de aprendizagens, é importante a parceria entre a equipe multidisciplinar (neurologista, fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, entre outros profissionais especializados) com o professor e a equipe pedagógica para que haja assim, troca de informações e estratégias que objetivam a progressão no desenvolvimento destas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo mostra a importância do professor com o papel de mediar o conhecimento e incentivar a autonomia e a autoestima das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Como no estudo de Souza e Oliveira (2023) o qual demonstrou que as crianças com TEA participaram igualmente da Contação de História.

Além disso, o professor possui papel importante no processo da identificação precoce de atrasos no marco de desenvolvimento das crianças, sendo peça primordial no processo de sinalização de possíveis atrasos e na criação de estratégias e intervenções que auxiliem no desenvolvimento global deste sujeito. De acordo com Brites (2021) compreender as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem é



fundamental para que o professor possa perceber, ainda na etapa inicial da escolarização quaisquer sinais de atraso no desenvolvimento para que assim, possa intervir de forma preventiva, contribuindo para o desenvolvimento integral dessa criança.

Farias, et al (2020, p.43) elucida que, "professores que atuam em sala de aula nas redes educacionais brasileiras são os principais agentes da identificação de alunos com algum tipo de dificuldade escolar" Contudo, é importante ressaltar que o professor não tem o poder de diagnosticar transtornos de aprendizagem, mas sim, de identificar que o processo de aprendizagem da criança apresenta atraso quando comparado aos seus pares. Além de ser referência principal para auxiliar de maneira significativa e positiva para o desenvolvimento dos seus alunos.

Desse modo, é essencial que a escola ofereça formação continuada ao professor, favorecendo o desenvolvimento de práticas reflexivas que são baseadas em evidências. Já que assim, será possível proporcionar a esse professor uma atuação sustentada pelo diálogo entre teoria e prática, possibilitando não somente a identificação das dificuldades de aprendizagem, como também o planejamento de intervenções pedagógicas que promovam a aprendizagem significativa, a inclusão e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados dessa pesquisa, é possível concluir que o professor como mediador pode auxiliar no desenvolvimento de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, assumindo o papel de agente transformador, onde se reforça que o aprendizado se torna significativo quando buscamos práticas acolhedoras, inovadoras e que motivem todos os sujeitos, através do princípio da valorização dos seus conhecimentos prévios e das suas especificidades. Dessa forma, compreendemos que o professor deve planejar a sua aula pensando em todos os alunos e compreendendo que é necessário repensar as suas práticas e estratégias quantas vezes forem necessárias para garantir a aprendizagem de todos.

Ressalta-se ainda a importância de novas pesquisas que corroborem e/ou complementem os achados desta estudo, trazendo a importância da formação continuada de professores com o objetivo de ampliar as estratégias pedagógicas que contribuam para uma escola mais inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS



BAHIA, Maria Tereza da Cunha. *Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para educação: ênfase na abordagem construtivista*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (CONITEC). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRITES, Luciana. *Dificuldade de Aprendizagem e Transtorno de Aprendizagem: Entenda as Diferenças*. Instituto NeuroSaber, 04 ago. 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/a-diferenca-entre-dificuldade-e-transtorno-de-aprendizagem/>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRITES, Luciana. *Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDA + TDAH)*. Instituto NeuroSaber, 01 maio 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade-tda-tdah/>. Acesso em: 20 out. 2025.

DA ROSA, E. L. *A relação entre habilidades socioemocionais e desenvolvimento cognitivo: uma revisão neuropsicológica*. Periódicos Brasil: Pesquisa Científica, v. 4, n. 2, p. 67–90, 22 jul. 2025.

DIAS, M. A. de M. B. et al. *Metodologias de ensino e a promoção da inclusão de estudantes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): uma análise em dissertações e teses da CAPES*. Research, Society and Development, v. 10, n. 9, p. e18310917840, 24 jul. 2021.

FARIAS, T. M. C. de et al. *Conhecimento, práticas e atitudes sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA) na educação e na saúde: uma revisão*. In: SEABRA, A. G. et al. (org.). *Estudos interdisciplinares em saúde e educação nos distúrbios do desenvolvimento*. São Paulo: Memnon, 2020. p. 37–50.

FREITAS, R. K. C.; FREITAS, A. S. *Transtornos de aprendizagem: das causas biológicas à inclusão escolar – revisão de literatura*. Revista Acadêmica Online, v. 11, n. 56, p. e456, 17 mar. 2025.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HSU, C. H.; BAI, Y. *Socioeconomic influences on cognitive development*. Frontiers in Psychology, v. 13, 2022.

HSU, Hui-Chuan; BAI, Chyi-Huey. *Individual and environmental factors associated with cognitive function in older people: a longitudinal multilevel analysis*. BMC Geriatrics, v. 22, n. 1, p. 243, 2022.

LOPES, E. da S.; CARVALHO, O. da C. A. de. *Dislexia: uma revisão sistemática*. Conjecturas, v. 22, n. 2, p. 1534–1555, 7 abr. 2022.



MARTINELLI, S. de C. *Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem*. In: SISTO, F. et al. *Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAZER, S. M.; DAL BELLO, F. A.; BAZON, M. R. *Rendimento escolar e autoestima: um estudo psicossocial*. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 525–538, 2009.

MEC. Secretaria de Educação. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

NEPOMUCENO, Camila Patrícia; BRIDI, Jamile Cristina Ajub. *O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem*. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 9, n. 1, jul. 2010. Disponível em: <https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/viewFile/1273/627>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

PILETTE, Nelson. *Psicologia da educação*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1991.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROMEO, R. R.; UCHIDA, L.; CHRISTODOULOU, J. A. *Socioeconomic status and reading outcomes: neurobiological and behavioral correlates*. New Directions for Child and Adolescent Development, v. 2022, n. 183–184, p. 57–70, 22 jul. 2022.

SOUZA, J.; OLIVEIRA, R. *Contação de história na inclusão da criança com TEA*. Revista Camalotes, p. 231–237, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.insted.edu.br/recam/article/view/27>. Acesso em: 15 de out. 2025

SOUZA, Juliana. *A contação de história na inclusão pedagógica da criança com TEA*. 2024. 94 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Salvador, 2024. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=15458297. Acesso em: 10 out. 2025.

TRISTÃO, Rosana Maria. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento*. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 65 p.
VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZELAN, Karen. *Os riscos do saber: obstáculos do desenvolvimento à aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

